

CESAR CANDIOTTO



ESTUDOS FOUCAULTIANOS

Foucault

e a crítica da verdade

autêntica

CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCRS

Foucault
e a crítica da verdade

Cesar Candioto

Foucault

e a crítica da verdade

 ESTUDOS FOUCAULTIANOS


CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

autêntica

Copyright © 2010 Cesar Candiotto

COORDENADOR DA COLEÇÃO
ESTUDOS FOUCAULTIANOS

Alfredo Veiga-Neto

CONSELHO EDITORIAL DA COLEÇÃO ESTUDOS
FOUCAULTIANOS

*Alfredo Veiga-Neto (UFRGS, ULBRA);
Walter Omar Kohan (UERJ); Durval
Albuquerque Jr. (UFRN); Guilherme
Castelo Branco (UFRJ); Silvio Gadelha
(UFC); Jorge Larrosa (Univ. Barcelona);
Margareth Rago (Unicamp);
Vera Portocarrero (UERJ)*

PROJETO GRÁFICO

Diogo Droschi

*(Sobre imagem de Martine Franck ©
Magnum Photos/LatinStock)*

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Tales Leon de Marco

REVISÃO

Ana Carolina Lins

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora e pela Editora Universitária Champagnat. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia das editoras.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários
30140-071 . Belo Horizonte . MG
Tel: (55 31) 3222 68 19
Televendas: 0800 283 13 22
www.autenticaeditora.com.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT

Rua Imaculada Conceição, 1155 . Predio da
Administração, 3º andar . Câmpus Curitiba
CEP 80215-901 . Curitiba . PR
Tel. (41) 3271-1701 - Fax: (41) 3271-1435
www.editorachampagnat.pucpr.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Candiotto, Cesar

Foucault e a crítica da verdade / Cesar Candiotto. – Belo Horizonte : Autêntica
Editora, Curitiba : Champagnat, 2010. – (Coleção Estudos Foucaultianos, 5 / Coordena-
dor Alfredo Veiga-Neto)

Bibliografia

ISBN 978-85-7526-497-3

ISBN 978-85-7292-220-3

1. Conhecimento - Teoria 2. Filosofia francesa 3. Foucault, Michel, 1926-1984
4. Sujeito (Filosofia) 5. Verdade (Filosofia) I. Veiga-Neto, Alfredo. II. Título. III. Série.
10-08543

CDD-194

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia francesa 194

Àqueles de quem adoro cuidar,
Jaci, Marcelo, Sophia.

Aos meus pais,
Quintino e Maria Ivonir.

Às instituições:

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, pelo apoio à pesquisa;

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialmente ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia;

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de doutorado e pela bolsa de estágio doutoral no exterior;

Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (IMEC), França, por ter possibilitado investigar nos *Archives Foucault*.

Às pessoas:

Profa. Salma Tannus Muchail, pela orientação paciente de meu doutorado e pelo generoso prefácio;

Prof. Frédéric Gros, pelo acolhimento como diretor de estudos, por ocasião de minha estadia na França;

Professores Antonio Edmilson Paschoal, Bortolo Valle e Cleverson Leite Bastos, primeiros mestres e colegas de trabalho;

Prof. Waldemiro Gremski, diretor de Pesquisa e Pós-Graduação da PUCPR, pelo apoio durante meu doutorado.

Sumário

- 11 Prefácio
- 15 Introdução
- 27 *Capítulo I – Os saberes, o discurso e o homem*
- 45 *Capítulo II – Verdade, sujeito e genealogia*
- 63 *Capítulo III – Verdade e sujeição da subjetividade*
- 93 *Capítulo IV – Governo e atitude crítica*
- 123 *Capítulo V – Verdade e ética do sujeito*
- 155 Considerações finais
- 169 Referências

Prefácio

Este livro deixa claras as escolhas que traçam suas trilhas. Algumas vias são expressamente afastadas. Pelo menos duas, assim enunciadas no final da *Introdução*: “seja asseverado que está longe de nós a intenção de percorrer todos os livros e demais escritos de Foucault na sua sequência, ao modo de introdução ao pensamento do autor”; tampouco se quer praticar a estratégia ou assumir “o propósito de sistematizar um pensamento que opera justamente a partir de deslocamentos estratégicos”. É também desde a *Introdução* que a maior clareza de escolhas é positivamente declarada. Partindo-se de uma *hipótese*, a de que “o fio condutor do pensamento de Foucault identifica-se com a problematização da verdade e sua relação com o sujeito”, delineia-se o *propósito* do livro, a saber, “analisar a possibilidade de *uma* história crítica da verdade articulada em torno da constituição do sujeito, como fio condutor da investigação de Foucault”. *Hipótese* e *propósito* permitem desbastar a caminhada: não se vai percorrer todos os livros e escritos de Foucault, mas vai-se privilegiar muitos deles e, neles, “selecionar passagens” a serem preferencialmente exploradas; não se pretende sistematizar um pensamento que não é sistematizável, mas quer-se “oportunizar o conhecimento de *uma* perspectiva da ainda inquietante trajetória de um dos grandes pensadores da época contemporânea”.

Nessas passagens que acabamos de citar, estabelecendo negativa e positivamente os contornos do livro, um detalhe merece ser observado, a saber, o destaque sempre dado à pequena palavra “*uma*”: é desde *uma* perspectiva que se refletirá sobre *uma* história crítica da verdade.

Um detalhe, não um pormenor. O livro é *um* caminho. Isso significa bem mais do que o claro propósito, já descrito, de não percorrer *todo* o pensamento de Foucault. Significa também, e sobretudo, um modo

particular de percorrê-lo. Com efeito, um dos méritos do livro está justamente na maneira particular de oferecer ao leitor *um* traçado do pensamento de Foucault que, sem privar-se de acompanhar, em certa medida, a ordem sequencial de seus escritos, não a toma como roteiro principal. Sobre esta ordem sequencial ou a partir dela, constrói outro trajeto, feito com recortes de exemplificações ou atalhos, de desvios ou digressões.

Exemplificações ou atalhos

No rumo do fio condutor – a questão da verdade e sua relação com o sujeito – são privilegiados certos escritos de Foucault e, neles, passagens que propiciam o desenrolar do tema.

Assim, o Capítulo I, que trabalha a questão do sujeito e da verdade no plano discursivo, retomando a obra mais estritamente arqueológica de Foucault, *As Palavras e as coisas*, prescinde de discorrer sobre o período que vai do Renascimento à Idade Clássica, para deter-se, “como exemplo”, na passagem da Idade Clássica à Moderna, por ser justamente então que se realça a figura do homem como sujeito cognoscente e a da verdade como verdade do conhecimento.

O Capítulo II, por sua vez, abordando o entrelaçamento entre o plano discursivo e o extradiscursivo, não se demora no livro mais conhecido da genealogia do poder, *Vigiar e punir*, para debruçar-se, em contrapartida, sobre outros escritos, especialmente cursos e conferências. São relidos: *A ordem do discurso*, o curso intitulado *A vontade de saber*, as conferências pronunciadas no Rio de Janeiro, em 1974, que compõem *A verdade e as formas jurídicas*, entre outros. É que, particularmente nesses “exemplos”, vêm à tona os “matizes metodológicos” das articulações entre verdade e poder.

Os Capítulos III e IV, voltados para as práticas de resistências, as contracondutas, ou, numa palavra, a atitude crítica, fazem uso de um livro básico que é o volume I de *História da sexualidade*, mas também se alimentam, preferencialmente, de cursos como *O poder psiquiátrico*; *Os anormais*; *Em defesa da sociedade*; *Segurança, território, população*; *Nascimento da biopolítica*; *Do Governo dos vivos*, além de textos de conferências como as pronunciadas na Universidade de Louvain, em 1981, sob o título “*Mal faire, dire vrai. Fonctions de l'aveu*”, ou na *Société Française de Philosophie*, em 1978, intitulada “*Qu'est-ce que la critique?*”.

O Capítulo V, sobre as relações entre sujeito ético e verdade, também procede mediante “exemplificações” para as quais são prioritariamente

usados os cursos *A hermenêutica do sujeito* e *A coragem da verdade*, e, entre outros, o texto de uma conferência de 1982, proferida em Chicago, "O sujeito e o poder".

Desvios ou digressões

Complementando as particularidades do seu trajeto, o livro conduz o leitor a transitar por sendas que, depois de trilhadas, o reconduzem, mais equipado, ao itinerário principal. Assim, esse itinerário é atravessado por breves mas bem cabíveis passagens sobre certos pensadores como Descartes (particularmente no Capítulo I), Nietzsche (particularmente no Capítulo II) e Merleau-Ponty (na "Introdução" e no Capítulo I), entre muitos outros. De igual modo, são curtas, porém apropriadas, as incursões acerca de certas temáticas, tais como a figura do *autor* (Capítulo I), o significado de *regime de verdade* para Foucault a partir de 1978 (Capítulo III), os conceitos de *ficção*, de *fábula* e especialmente de *ficções históricas* (Considerações finais), etc. Essas pluralidades, por assim dizer, às vezes aparentemente dispersas, reúnem-se nas considerações finais. Com efeito, concisas, tais considerações oferecem um espaço de convergência das sendas percorridas que, juntas, bem poderiam ter o título geral "Uma história crítica da verdade".

Pode-se dizer que este livro, que trabalha com recortes, mas é bem articulado, modela-se no pensamento de Foucault que não é sistematizável tampouco aleatório. E, principalmente, pode-se compreender melhor o que anunciamos inicialmente: assim como a história foucaultiana da verdade e do sujeito é *uma* história crítica da verdade, assim também este livro é *uma* perspectiva sobre essa história, é *um* caminho. Vale a pena seguir seus passos.

Salma Tannus Muchail

Introdução

*O que é a filosofia senão uma maneira de refletir,
não sobre o que é verdadeiro e o que é falso,
mas sobre nossa relação com a verdade?*

FOUCAULT, 1994d, p. 110¹

O pensamento de Michel Foucault nos últimos decênios tem sido interpretado a partir de diferentes enfoques. Alguns privilegiam a arqueologia do saber, situando-a como o momento mais fecundo de sua atividade intelectual; outros se atêm à genealogia do poder, até hoje uma verdadeira caixa de ferramentas para as ciências do homem e as ciências sociais; há ainda aqueles enfoques que priorizam a genealogia da ética, quando Foucault toma como canteiro histórico o pensamento greco-romano antigo. A identificação desses três momentos na sua investigação há muito tempo é um lugar comum; na verdade, constitui uma tentativa aproximada de sistematizar o que não pode ser sistematizado, quer dizer, um pensamento que procedeu mediante deslocamentos estratégicos e sempre apostando no impensado.

Somados aos livros do autor, os volumes dos *Dits et écrits* publicados em 1994, assim como os cursos no *Collège de France* que vêm sendo editados, nuançam, ainda que de modo disperso, a possibilidade de um fio condutor que opera como liame entre os diferentes momentos de seu pensamento. A proposta desse fio condutor para tratar do pensamento de Foucault afasta-se da tentativa de uniformização e homogeneização

¹ Tradução nossa. O mesmo se aplica a todas as outras citações diretas utilizadas ao longo deste livro cujos originais se encontram em língua estrangeira.

daquilo que *de per se* é diferente e heterogêneo. Ao percorrer textos selecionados da vasta produção intelectual do autor, objetiva-se somente enfocar uma perspectiva que constitua uma contribuição razoável para a filosofia contemporânea.

A hipótese de trabalho é que o fio condutor do pensamento de Foucault identifica-se com a problematização da verdade e sua relação com o sujeito. Mais precisamente, uma história crítica da verdade que pode ser apresentada, pelo menos, em dois aspectos: uma que examina o estatuto do sujeito nas ciências do homem, entre as quais, segundo Foucault, ele tem sido objetivado a partir de conceitos antropologizantes e universalizantes; outra que avalia o estatuto filosófico do sujeito, no sentido de que desde a filosofia moderna ele tem sido considerado a origem e o elemento fundador de quaisquer conhecimentos.²

Contudo, Foucault não faz uma investigação a esmo. Seu pensamento é tributário da conjuntura filosófica francesa da segunda metade do século XX, marcada pela crítica mordaz do caráter universalista do sujeito, ou seja, ao modo pelo qual, de Descartes a Husserl, ele tem sido reconhecido como subjetividade a-histórica, autorreferente e absolutamente livre. Para Foucault, a centralidade da filosofia do sujeito no pensamento moderno está institucionalmente vinculada à universidade francesa e à ideia de que, se a filosofia moderna começara com Descartes, deveria avançar ao modo cartesiano; está associada ainda ao contexto que antecede e segue imediatamente a Segunda Guerra Mundial, quando predomina na França e na Europa continental a perspectiva de uma filosofia cuja função principal é “fundar todo o saber e o princípio de toda significação no sujeito signifiante” (FOUCAULT, 1994d, p. 169). É a época da ênfase na transcendência do ego, da influência dos livros mais conhecidos de Husserl na França, as *Meditações cartesianas* e *A crise das ciências europeias*.

Convém levar ainda em consideração que a conjuntura política europeia, marcada pelo absurdo das duas grandes Guerras na primeira metade do século XX, fortaleceu a concepção de que caberia somente ao sujeito dar sentido às suas escolhas existenciais. No entanto, segundo Foucault, a partir do decênio de 1960 a filosofia do sujeito deixa de ser tão evidente.

² “Denomina-se ‘sujeito’ um ser cuja identidade é suficientemente firme para lhe permitir *suportar*, em todos os sentidos da palavra (sustentar, servir de fundamento, resistir à prova), a mudança, ou seja, a alteração. O sujeito permanece o mesmo enquanto se modificam as qualidades acidentais. Desde Descartes, o mais subjetivo de todos os sujeitos é aquele que está seguro de sua identidade, o ego do *ego cogito*” (DESCOMBES, 1979, p. 94, grifo do autor).

Por um lado, essa maneira de pensar não conseguiu elaborar uma filosofia do saber científico; por outro, não alcançou dar conta dos mecanismos formais de significação e das estruturas de sentido.

Conforme Foucault, duas perspectivas de análise buscaram *sair* da filosofia do sujeito. Uma tem sido a teoria do saber objetivo, conhecida como positivismo lógico; outra é o estruturalismo, que, mediante análise dos sistemas de sentido e da semiologia, fez-se presente na linguística, na psicanálise e na antropologia estrutural francesas. A investigação de Michel Foucault também pode ser situada nessa tentativa de *saída* da filosofia do sujeito, sobretudo de sua vertente fenomenológica. Seu caminho, contudo, é diferente. Trata-se de elaborar a “genealogia do sujeito moderno” (FOUCAULT, 1994d, p. 170), mediante o estudo de sua constituição nas práticas históricas. Essa maneira de fazer genealogia, em grande parte tributária da apropriação do pensamento de Nietzsche, quer ser um diagnóstico do presente. Isso porque ela parte de *nossa* pertença cultural, descreve sua diferença em relação ao passado recente, a fim retornar ao presente; retorno que não significa repetir o passado, mas provocar o questionamento das evidências já constituídas por parte de nossa sociedade.

Ora, tem sido uma evidência significativa na filosofia moderna que o sujeito é fundamento de verdade e fonte universal de significação. Foucault quer problematizar evidências como esta, ao mostrar que tanto os discursos de verdade quanto o que se entende por sujeito são produzidos, constituídos a partir da articulação entre jogos de regras, mecanismos e estratégias de poder pertencentes às nossas práticas sociais e culturais.

Diante dos conteúdos históricos que têm sido elaborados e aos quais estamos vinculados porque são tidos como se fossem verdadeiros, porque valem como verdadeiros, é imprescindível que uma questão seja posta: “quem sou eu [...] que pertenço a essa humanidade [...], a esse momento, a esse instante da humanidade que é sujeitada pelo poder da verdade em geral, e das verdades em particular?” (FOUCAULT, 1990, p. 46).

Renunciando enunciar verdades sobre o sujeito que valham universalmente e para todos os tempos, a genealogia do sujeito moderno tem como papel diagnosticar o que somos e “o que significa hoje dizer o que dizemos” (FOUCAULT, 1994a, p. 606). Ela é crítica, porque denuncia o que nos tornamos diante da proliferação de discursos que pretendem atribuir verdades sobre nós, assinalando-nos com identidades; enfatiza que tais verdades mormente não passam do jogo de regras entre saberes, ou

do jogo entre práticas coercitivas, ou ainda do jogo constituído a partir de práticas de si de uma cultura.

A genealogia foucaultiana é apresentada então como uma história crítica dos jogos de verdade, a partir dos quais o sujeito é constituído.

Na realidade, esse foi sempre meu problema, mesmo se formulei o quadro dessa reflexão de um modo um pouco diferente. Procurei saber como o sujeito humano entrava nos jogos de verdade, sejam os jogos de verdade que têm a forma de uma ciência ou que se referem a um modelo científico, sejam os jogos de verdade como aqueles que se pode encontrar nas instituições ou práticas de controle. É o tema de meu trabalho *Les mots et les choses*, onde tentei ver nos discursos científicos como o sujeito humano vai definir-se como indivíduo falante, vivente e trabalhador. Resgatei tal problemática na sua generalidade nos cursos no Collège de France. [...] O problema das articulações entre o sujeito e os jogos de verdade havia considerado até então seja a partir de práticas coercitivas – como no caso da psiquiatria e do sistema penitenciário –, seja nas formas dos jogos teóricos ou científicos – como a análise das riquezas, da linguagem e do ser vivente. Ora, nos meus cursos no Collège de France tentei compreendê-lo por meio daquilo que pode ser denominado como uma prática de si, que é, creio, um fenômeno muito importante nas nossas sociedades a partir da época greco-romana, ainda que não tenha sido muito estudado (FOUCAULT, 1994d, p. 708-709).

Porque o ponto de partida são as práticas,³ a história crítica da verdade é reconhecida como aplicação da “história crítica do pensamento” (FOUCAULT, 1994d, p. 632). Para Foucault, pensamento designa ao mesmo tempo modos de ser e de agir, razão pela qual o que se entende por verdade em sua investigação é irreduzível às origens essenciais pressupostas por boa parte das correntes filosóficas ou à neutralidade e à objetividade reivindicadas pelas ciências; ela constitui “a ‘resposta’ para uma situação concreta que é real” (FOUCAULT, 1997a, p. 113), ainda que situações análogas não impliquem sempre as mesmas respostas. A articulação entre verdade e sujeito não preexiste aos saberes e práticas; “é o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz com que algo entre no jogo do verdadeiro e do falso e o constitua como objeto para o pensamento” (FOUCAULT, 1994d, p. 670).

Como nota Paul Veyne (1995, p. 164, grifo do autor), referindo-se ao trabalho de Foucault: “o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi

³ Para Foucault, a prática não se opõe à teoria, mas à abstração. Portanto, os jogos teóricos e científicos também são reconhecidos como práticas históricas.

o *fazer* em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o *fazer*, a prática, se explica a partir do que *é feito*". Consideradas no momento em que emergem, funcionam e se transformam, as práticas são reconhecidas como chaves de inteligibilidade para pensar o lugar da verdade e de sua articulação com o sujeito.

Detrás das práticas inexiste qualquer sujeito de verdade que determine sua compreensão e as constitua como tais; pelo contrário, trata-se de situar a constituição do sujeito a partir daquilo que se faz com ele num determinado momento, na condição de louco, doente, criminoso, dirigido etc. As práticas deixam de ser comandadas somente pelas instituições, prescritas pelas ideologias ou guiadas pelas circunstâncias; elas têm regularidades próprias, estratégias e tecnologias específicas, racionalidades peculiares.

Uma das passagens privilegiadas para entender esse ponto de vista é a que segue.

Se eu estudei "práticas" como aquelas do seqüestro dos loucos, da medicina clínica, da organização das ciências empíricas ou da punição legal, era para estudar esse jogo entre um "código" que regra maneiras de fazer (que prescreve como dividir as pessoas, como examiná-las, como classificar as coisas e os signos, como adestrar os indivíduos etc.) e uma produção de discursos verdadeiros que servem de fundamento, de justificação, de razões de ser e de princípio de transformação dessas mesmas maneiras de fazer. Para dizer as coisas claramente: meu problema é saber como os homens se governam (eles mesmos e os outros) por meio da produção de verdade (repito ainda, por produção de verdade: não entendo a produção de enunciados verdadeiros, mas a disposição de domínios em que a prática do verdadeiro e do falso pode ser ao mesmo tempo regada e pertinente) (FOUCAULT, 1994d, p. 26-27, grifos nossos).

Para Foucault, a filosofia moderna tratou da problemática da verdade de duas maneiras: a que aborda a produção dos enunciados verdadeiros; e a que investiga a pertinência que tem para o sujeito a problematização do verdadeiro e do falso na história de práticas específicas, envolvendo jogos de regras entre saberes e estratégias de poder. De um lado, a investigação que trata do acesso à verdade e do desvio do erro pelo caminho da analítica da verdade; de outro, a investigação das condições históricas do *jogo* entre o verdadeiro e o falso observado na tradição crítica do Ocidente.

A bifurcação da filosofia moderna em torno da problemática da verdade teria sido *possibilitada* por Kant, embora jamais construída por ele. A ênfase na dimensão analítica da verdade constitui desdobramento do privilégio unilateral da *Crítica da razão pura* e sua perspectiva epistemológica